

Na época em que vivemos, com a grande disparidade económica sentida dentro de uma única população, é, sem dúvida, pertinente falar da questão da riqueza e da sua influência no estado de espírito e na felicidade das pessoas.

Como diz Sólon no excerto de Heródoto, a riqueza e o poder não são “o” medidor da felicidade de alguém. E o seu ponto de vista vai, realmente, ao encontro dele. Apenas não totalmente.

Todos nós conhecemos uma, ou até mais pessoas, que, não possuindo grandes recursos económicos, vivem felizes e parecem acordar sempre com um sorriso na cara. E isto porque não têm, e talvez nunca tenham tido, desejos ou objetivos inalcançáveis para eles, de economias frágeis. A riqueza traz consigo o sentimento de ostentação e leva as pessoas a quererem mais e mais, o que nem sempre acaba bem, como se verifica com a vida de Crespo. Sem estas “ideias” e irreflexão, muitos pobres evitam desilusões. A felicidade das suas vidas é feita de pequenas coisas e não de grandes conquistas. Quando alguém vive uma vida sem doenças, sem desgraças ou problemas com os seus filhos, tem a receita para uma vida feliz.

Se para Sólon a riqueza parece não ter qualquer importância, para mim, esta pode trazer contribuição para a felicidade. Atualmente, é muito difícil viver e sustentar-se sem um rendimento razoável. Com o aumento de preços, entre outras coisas, mesmo sendo positivo, é difícil ser feliz. Estar preocupado com problemas económicos impede as pessoas de aproveitarem a vida.

Como referi, a riqueza não é o principal fator de receita para a felicidade, mas, ao contrário do que é dito por Sólon, não se pode retirá-la da equação no que à minha opinião diz respeito.

Miguel Alexandre Magalhães Duarte, Escola Secundária de Paredes, Paredes